

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**TÉCNICA, SOCIALIDADE E CIBERCULTURA
As redes sociais como extensão dos afetos**

Marina Magalhães de Moraes¹

Resumo

Com foco na tendência dos indivíduos modernos aos relacionamentos mediados pelas redes sociais, este artigo pretende delinear o caminho da técnica e a sua importância no cotidiano e nas suas formas de organização. Para tanto, parte da criação das máquinas como extensões das atividades físicas até chegar aos primeiros sinais das relações virtuais como extensões dos afetos, tão fragilizados em tempos de Modernidade Líquida. Baseia-se na revisão bibliográfica dos autores Roy Ascott, Zygmunt Bauman, Marshall Berman, Umberto Eco, Anthony Giddens, Pierre Lévy, André Lemos, Michel Maffesoli, Marshall McLuhan, Raquel Recuero e Francisco Rüdiger.

Palavras-chave: Afetos. Modernidade. Redes sociais. Socialidade. Tecnologia.

¹ Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas. Email: marinamagalhaes@msn.com .

Introdução

Uma das particularidades que diferencia o homem de outros seres vivos é a capacidade de dominação da técnica. A inteligência e sensibilidade humana foram elementos fundamentais ao longo dos tempos para a criação e utilização de ferramentas que suprissem as suas necessidades imediatas. Primeiramente, como forma de auxílio nas atividades físicas; milênios mais tarde, pelo prolongamento da capacidade criativa ou intelectual, até chegar às extensões sensoriais ou afetivas dos indivíduos.

As primeiras técnicas eram adotadas com a finalidade de driblar as adversidades básicas da época, como a criação de roupas, utensílios domésticos, a produção de fogo e, por conseguinte, a escrita, que foram se aperfeiçoando e acompanharam a evolução humana.

Como prova desse desenvolvimento, surgiu uma cultura extremamente maquinicista, relacionada simbioticamente com a Revolução Industrial do século XVIII, da qual foi combustível e pela qual foi alimentada ao mesmo tempo. E, em épocas recentes, o estabelecimento de novos sistemas funcionais reforça essa continuidade evolutiva da técnica, pois os computadores chegaram para calcular, operar e pensar no lugar dos homens, facilidades tais que os indivíduos não conseguem mais abrir mão.

Esta cultura da técnica, ou tecnologia, responsável pela renovação de valores e reconstrução da cultura, entretanto, impactou não somente nas capacidades físicas e intelectuais dos indivíduos. A crença nas maravilhas eletrônicas e nos encantos do mundo moderno, a exemplo do rompimento de padrões e dissolução das instituições ditatoriais criou, por outro lado, um tecno-abismo científico no qual as relações humanas vêm tornando-se cada vez mais frágeis e efêmeras, deixando uma lacuna nas satisfações afetivas de cada um.

Porém, como veremos a seguir, a tecnologia com a sua capacidade de criar dependência e suprir necessidades, também oferece soluções para esse problema, abrindo possibilidades diversas de relacionamentos virtuais através das redes sociais como Orkut, Facebook, Twitter, blogs, chats, entre outras opções.

1 Sobre Técnica e Cotidiano

Fáusticos e Prometéicos², tecnófobos e tecnófilos, disfóricos e eufóricos, apocalípticos e integrados³. Não importam as variantes nomenclaturas atribuídas à bipartição dos teóricos,

² Personagens da tradição mitológica do Ocidente utilizados para exemplificar categorias de teóricos que se dividem em pessimistas culturais e otimistas societários apoiados nas tecnologias, respectivamente, em relação à influência da cultura da técnica no cotidiano humano. (Rüdiger, 2007, p.14).

sociólogos, filósofos e demais pesquisadores que refletem a tecnocultura ou cibercultura (Lévy, 1999).

Independente da visão otimista ou resistente em relação à cultura emergente da técnica ou, em tempos recentes, das redes telemáticas, estudiosos sobre o assunto são unânimes ao afirmar que esta tecnologia vai além de um simples meio de instrumentalização para se consolidar, cada vez mais, como um forte elemento constituinte na vida cotidiana.

Entre suas referências, Rüdiger (2007) aponta, na perspectiva da sociologia formal, para a definição do homem como um artefato técnico desde a sua origem:

O primeiro objeto técnico aparecido é o corpo humano, senão o próprio modo de ser humano, ainda que não todo. A matéria da qual se constitui o humano está, desde o princípio, sujeita a operações técnicas que se manifestam na forma como nosso corpo se posiciona no ambiente, caminha, senta-se, gira a cabeça, articula a palavra, etc. (RÜDIGUER, 2007, p.16).

Embora o pensamento tecnológico reflita a técnica como poder autônomo, sua influência e seu progresso de forma independente de fatores intervenientes na vida em sociedade, a convicção em torno do determinismo absoluto da tecnologia sobre o homem não chega a ser um consenso.

Teóricos também divergem acerca de uma possível neutralidade da tecnologia e sua aceção como apenas um meio, incapaz de ser, em si mesmo, potencialmente bom ou mau.

“A verdade é que apenas ignorada em sua propriedade, como saber, e entendida de forma descarnada em relação ao humano é que ela pode ser reduzida ao utensílio e vista da forma vazia e abstrata (...)”. (Rüdiger, 2007:15)

Com base no pressuposto do autor, que reflete a técnica como algo sempre encarnado, que não pode ser separado do seu uso concreto, mesmo no momento da sua origem – visto que essa origem é sempre o homem em condições históricas e sociais determinadas – propomos o estudo da relação entre as redes sociais virtuais possibilitadas pela tecnocultura com o papel de extensão da satisfação dos afetos humanos.

2 A técnica como extensão natural do corpo

Foi no século XIX que surgiram as primeiras associações da aparição da técnica às motivações próprias das respostas do corpo humano aos estímulos oriundos do ambiente. Rüdiger

³ Expressões de Umberto Eco (2006) para a mesma subdivisão de teóricos.

(2007) lembra que teóricos como Cournot, Marx, Spencer e Kapp já postulavam que o processo de humanização do macaco ocorreu a partir da instrumentalização dos recursos naturais apropriados para a sobrevivência da espécie.

Tal afirmação vem da explicação dos primeiros meios técnicos como prolongamentos dos nossos órgãos ou capacidades corporais com o objetivo de auxiliar nas atividades humanas. Através da junção dos recursos e do conhecimento humano surgiram os utensílios, as ferramentas e, mais tarde, as máquinas, que com o passar do tempo converteram-se em uma estrutura tecnocientífica mais objetiva e automatizada, tornando-se, por conseguinte, também elementos modeladores dos seres humanos.

McLuhan (1969) já alertava que os indivíduos modernos se aproximariam rapidamente da última fase das extensões do homem, na medida em que se desenvolvia a simulação tecnológica da consciência e a inteligência coletiva mediada pelos meios e veículos de comunicação, atualmente tão rica em exemplos, como bibliotecas virtuais similares a Wikipédia ou ao Google, projeções em 3 Dimensões, ciberpoesia, dentre outros.

A questão do ‘determinismo tecnológico’ foi uma das grandes preocupações do filósofo canadense, cuja marca autoral sempre esteve ligada à relação dos meios de comunicação e às formas de organização da sociedade.

Foi McLuhan (1969) quem responsabilizou o desenvolvimento da escrita e, mais tarde, da imprensa em larga escala, pelo surgimento de uma cultura individualista e empobrecedora, na qual as pessoas não dependiam mais diretamente uma das outras para ter acesso à informação, o que teria culminado em um movimento de destribalização da sociedade.

Entretanto, mesmo autor quem previu que as telecomunicações e as novas tecnologias seriam potenciais ferramentas de reagrupamento dos indivíduos, sobretudo pela natureza audiovisual que aguçaria os sentidos mais imediatos, propiciando a reconstrução de uma sociedade em rede, a famosa Aldeia Global, explicada como uma experiência humana coletiva, compartilhada, sentimental e indiferenciada das primeiras tribos.

Encontro alívio [porém] em ver que o indivíduo isolado, letrado e visual não tem mais lugar numa sociedade que implode, eletricamente estruturada. [...] A perspectiva imediata para o homem ocidental... é a de transformar-se rápida e seguramente numa criatura profundamente estruturada e complexa, emocionalmente consciente de sua total interdependência em relação ao resto da sociedade humana. (McLuhan, 1969:69).

A tecnologia que possibilita a comunicação em alcance global, em uma via de mão dupla, ainda trouxe como implicação uma dependência humana dos sistemas tecnológicos funcionais. De acordo com Rüdiger (2007), lado a lado com os avanços tecnológicos, projeta-se um crescente

subjetivismo ou desordem do ponto de vista espiritual. Uma mudança que impactou diretamente não somente nas formas de comunicação e interação humana, mas nos modelos de relacionamento entre os indivíduos, que vêm se moldando em alta velocidade de acordo com os formatos dos tempos modernos.

Prova disso é o surgimento de uma cibernsorialidade. Para melhor compreensão do termo, retomamos à socialidade definida por Maffesoli (1987) como as práticas cotidianas efêmeras, enraizadas no presente, isto é, a multiplicidade das experiências banais coletivas descomprometidas com a homogeneização, institucionalização ou racionalização da vida de todo dia. Já o conceito de sociabilidade, para Maffesoli, caracteriza as relações institucionalizadas e formais de uma determinada sociedade. Essa cibernsorialidade, portanto, seria sua definição para a atual socialidade em rede na qual internautas do mundo inteiro se relacionam a todo o momento, com a finalidade de saciar a sua sede de engajamento e pertencimento.

3 Extensão dos afetos em rede

As profecias dos estudos culturais canadenses, que tiveram em McLuhan (1969) seu mais célebre expoente, confirmam-se diariamente com o surgimento crescente dos clãs virtuais. Os computadores ligados em rede criam, segundo o autor, um estado de entendimento e unidade universais tecnologicamente engendrado, um estado de absorção na palavra que pode juntar a humanidade em uma só família.

A Aldeia Global utopicamente imaginada, na verdade, vem se concretizando em pequenas tribos com grupos de indivíduos atraídos por elementos de identificação diversos na escala da grande rede. O crescente uso deste termo, por si só, na visão de Rüdiger (2007), chama a atenção nesses tempos de informática da comunicação, por ser um exemplo do surgimento de uma nova configuração ou sistema de relacionamentos humanos.

O pesquisador retoma a idéia de McLuhan (1969) quando tenta explicar o processo de ordenamento social, com a tribalização, destribalização e retribalização da sociedade, fomentada pela tecnologia e pelas inovações midiáticas.

Primeiro, sabe-se, os homens se constituíram em comunidades, associações heterônomas, fundadas na crença em valores comuns, instituídos em termos transcendentais. A modernidade surge com a ruptura desses princípios de vinculação e a promoção de um individualismo em cuja base se afirma o conceito de sociedade. Agora, o movimento histórico se encarrega de projetar esse indivíduo num processo de fragmentação social e

desintegração interior que, pouco a pouco, vai tornando difícil sustentar esse conceito. (Rüdiger, 2007:66).

A dificuldade de lidar com a própria individualidade e liberdade conquistadas, uma vez que o indivíduo agora pode exercer a sua identidade, que antes era completamente moldada pelas instituições sólidas de poder – Igreja, Estado, etc. – tem deixado de ser um privilégio para se tornar uma problemática comum no mundo moderno.

Bauman (2005:33) explica que essa repartição em fragmentos mal coordenados é uma característica da época líquida, na qual a existência humana individual é fatiada numa “sucessão de episódios fragilmente conectados”.

A falta de estruturas norteadoras, ao mesmo passo em que libera o desenvolvimento das múltiplas identidades, abre um vácuo angustiante. Embora o sociólogo explique que as estruturas não são capazes de incluir facilmente os novos conteúdos, tendo em vista que “logo se mostrariam muito desconfortáveis e incontroláveis para acomodar todas as identidades novas, inexploradas e não experimentadas que se encontram tentadoramente ao nosso alcance”, o contrário retrata a desordem revelada por Rüdiger (2007).

Os modelos e referências são renovados constantemente; os laços dos relacionamentos presenciais vão se afrouxando diante da ânsia de viver todas as possibilidades oferecidas pela vida moderna, e os sentimentos acompanham a velocidade dos bytes, o que gera uma insegurança crônica em relação ao comprometimento afetivo e efetivo.

Outro autor que atentou para o período de “transformação da intimidade” vivido na Modernidade Alta, ou Modernidade “tardia”, como define os tempos atuais, foi Giddens (2002). Segundo o teórico, uma das características distintivas da época é a crescente interconexão entre os dois “extremos” de extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro.

“A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais”. (Giddens, 2002:38).

A vida social moderna é explicada por ele através de profundos processos de reorganização espaço-temporal, associados à expansão de mecanismos de desençaixe, que descolam as relações de seus lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço, a exemplo do que acontece nas redes sociais.

Neste novo cenário dialético, emergem a busca incessante pela confiança, fundamental para a proteção na realidade cotidiana, e a tentativa de distanciamento de riscos, através dos novos traços culturais que as gerações anteriores não tiveram que enfrentar.

Uma “relação pura” é definida por Giddens (2002) como aquela em que a confiança não se apóia em critérios externos à própria relação, como parentesco, dever social e obrigação tradicional. Sua existência estaria ligada à retribuição que ela própria pode dar, pressupondo compromisso com as partes envolvidas e com a própria relação.

“É, portanto, um equívoco entender ‘a procura contemporânea da intimidade’, como muitos têm feito, apenas como uma reação negativa a um universo social mais impessoal e distante”. (Giddens, 2002:14).

Aquilo que, se visto de forma desencarnada dos usuários, parece um frio universo maquínico, é o que tem trazido bálsamo para as necessidades de relacionamento no século XXI. Na busca pelo suprimento das angústias emocionais, as redes sociais apresentam uma espécie de alívio imediato, embora limitado, através do qual é possível exercer a identidade em mutação, participar de todos os grupos com os quais encontra elementos de identificação e se desvencilhar deles na velocidade que lhe convir.

Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma ‘comunidade de ideias e princípios’, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver (para usar os termos cunhados por Paul Ricoeur) a questão de *la mêmète* (a consistência e a continuidade de nossa identidade com o passar do tempo). Poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma ‘comunidade de ideias e princípios’ de cada vez, de modo que a maioria tem problemas semelhantes com a questão da *l’ipséite* (a coerência daquilo que nos distingue como pessoas, o que quer que seja). (Bauman, 2005:19).

O autor acredita que a proximidade física pode ser facilmente confundida com a proximidade espiritual. Porém, para ele, as novas formas socialização eletronicamente mediadas não conseguem substanciar a identidade pessoal.

Como explicação, Bauman (2005:31) sustenta que dificilmente essas possibilidades poderiam ser um substituto válido das formas sólidas de convívio que, “graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante (ainda que ilusório ou fraudulento) ‘sentimento de nós’ – que não é oferecido quando se está ‘surfando na rede’”.

Considerações finais

Roy Ascott (2003) afirma que o contexto de realidade mista no qual vivemos, que lida ao mesmo tempo com o mundo virtual e o mundo físico real, pede que o corpo acompanhe a evolução da mente, como nas gerações anteriores. Com base nas teorias apresentadas ao longo deste ensaio, podemos ir além e afirmar que, principalmente as emoções, também precisam acompanhar a evolução do corpo, da mente e da tecnologia.

Devido à enxurrada de mudanças e a uma demanda cada vez mais freqüente do bem-estar emocional, vivemos um período de perturbação, por um lado livre de referências e modelos que tanto limitaram a nossa liberdade, mas que agora não sabemos mais o que fazer com ela. Podemos exercer as nossas múltiplas identidades, mas não queremos ficar marcados por nenhuma delas, para que prevaleça o desejo de experimentar todas as possibilidades que virão.

A questão da identificação ainda está diretamente ligada aos relacionamentos. Investir em compromissos sólidos e duradouros é, ao mesmo tempo, fechar as portas para uma série de outras experiências. Na tentativa de fugir desses riscos e frente à insegurança de depositar todas as confianças e expectativas em um único objetivo em uma época caracterizada pela volatilidade, as relações vêm se reduzindo cada vez mais à superficialidade.

Como nós, indivíduos modernos continuamente conectados, passamos boas horas do nosso cotidiano na frente do computador, é natural que o refúgio para dirimir as nossas carências emocionais, exercer as nossas identidades sem limitações e participar de diversos grupos de identificação sejam as redes sociais.

Contudo, não basta apenas participar, é preciso ser lembrado. Nada como estabelecer contato com pessoas do mundo inteiro, exteriorizar o cibernarcisismo através de textos e fotografias sobre a própria vida, liderar debates e fóruns, conquistar o chamado capital social⁴.

A maior extensão dos afetos ainda pode ser registrada através das declarações ou depoimentos trocados via Orkut, Facebook, a antiga correspondência por emails, as conversas reservadas nos chats e até o próprio sexo virtual, que podem render afagos carinhosos – através de emoticons⁵ – após cada teclada.

⁴ Expressão utilizada por Raquel Recuero (2009) para demonstrar o prestígio pessoal na grande rede através do número de conexões.

⁵ Palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: emotion (emoção) + icon (ícone). É uma seqüência de caracteres tipográficos ou imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Comumente utilizados em programas de mensagens rápidas.

Diferentemente da realidade física, ou presencial, que juntamente com os prazeres de um contato face a face oferece riscos decepções e dificuldades de entendimento, todas essas sensações são minimizadas na rede. Trocar de parceiros, de comunidades ou de redes de relacionamento só depende de um clique. O problema é quando os relacionamentos presenciais e virtuais se confundem, transcendendo as barreiras do monitor do computador para a sala de casa, ou vice-versa. Como toda simulação do real que se preze, talvez as emoções em escala virtual não estejam tão seguras assim.

Referências

ASCOTT, Roy. Quando a onça se deita com a ovelha: a arte com mídias úmidas e a cultura pós-biológica. In: DOMINGUES, Diana (org.). *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. P.: 273-284.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2007. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 3.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MAFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

RÜDIGUER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo*. Porto Alegre: Sulinas, 2ª ed., 2007.